

LIGIÉRO, Zeca. Performances artísticas e culturais em comunidades como forma de resistência: diálogos sobre identidade e diversidade. (INCOMPLETO)

RESUMO

Este estudo aponta para a discussão da importância da prática de performance como um comportamento ou como uma forma de arte que são realizados individualmente ou em comunidade para garantir a diversidade cultural em um mundo não-hegemônico, cada vez mais globalizado.

Palavras-chave: Performance. Política. Estética.

RESUMEN

Este estudio apunta a la discusión de la importancia de practicar una performance como comportamiento o como una forma de arte que se llevan a cabo individualmente o en comunidad para asegurar la diversidad cultural en un mundo no-hegemónico cada vez más globalizado.

Ao estudarmos a presença da arte em comunidades no interior da América Latina é possível perceber a forte ligação dos processos de criação de performances artísticas com as performances culturais desenvolvidas por estas populações¹. Nestas performances ocorre uma circularidade entre a vida social e religiosa e a artística. Estas práticas comunitárias aparecem, em muitos casos, como resistência política decorrente de uma constante tensão entre manifestações tradicionais, a criatividade de seus artistas e a chegada de uma arte internacional midiática ou a classificada como indústria cultural — (cinema, rádio, TV e Internet). Nota-se aqui o embate dos valores culturais destas populações com os modelos da invasiva expansão do capitalismo neoliberal advindas com a globalização. Em muitos casos, as comunidades já não têm vozes próprias e apresentam uma descaracterização cultural, consequência do descaso das autoridades locais. As diversidades culturais são reprimidas em nome de uma sociedade dita “moderna” voltada para o consumo e sem identidade própria.

- 1) Como criar uma arte como processo de autoexpressão e de autodescoberta?
- 2) Como criar uma arte veiculada como processo de transformação social?
- 3) Como criar uma arte articulada, comprometida com afirmação de identidade da sua comunidade?

Esta apresentação questiona este processo como irreversível e propõe uma reflexão sobre a importância das iniciativas individuais, de grupos e de redes que trabalham na preservação dos patrimônios imateriais como forma de diálogo com a diversidade e no incentivo a toda criatividade que represente resistência a esta progressiva transformação das identidades locais em apenas

¹ O emergente campo de investigação denominado Estudos da Performance permitiu colocar lado a lado as chamadas performances culturais (jogos, cerimônias religiosas, carnaval, rituais) (SINGER, 1955) e as performances artísticas como teatro, ópera, danças, contação de histórias (SCHECHNER, 1988).

mercados de consumidores, vazios de cidadanias. Propomos olhar a arte como forma de identidade e expressão pessoal e comunitária, em diálogo com a tradição, mas articulada com a contemporaneidade!

Vendo as culturas e a suas artes

Entre os anos de 1911 e 1913, o etnólogo alemão Thomas Koch Grunenberg percorreu uma grande parte do norte da Amazônia passando pela região que compreende o estado de Roraima no Brasil, entrando pelo Sul da Venezuela e indo até a Guiana Inglesa (MEDEIROS, 1986). Lá, ele colheu uma série de lendas sobre Makunaíma e outros heróis indígenas. Esta mesma pesquisa foi a principal fonte de Macunaíma, de Mário de Andrade. Em uma das histórias intitulada “A árvore do mundo e a grande enchente”, encontramos uma descrição de uma poderosa árvore “que estava carregada de todas as frutas boas que existem”, entre elas a banana e mesmo o milho, que não é fruta. Na narrativa, os irmãos de Makunaíma, na ânsia de apoderar-se de todos os frutos para comê-los de uma única vez decidem derrubá-la. Mas, ao derrubarem-na, do toco cortado “saíram muitos peixes e então veio a água com muita força” que inundou todas as terras conhecidas. Macunaíma e seu irmão Manapé começaram, pela primeira vez, a plantar árvores com suas próprias mãos; elas cresceram muito rapidamente, nelas eles subiram, conseguindo sobreviver à enchente que inundou toda a floresta. A partir daí, outras árvores começaram a dar frutos, só que cada uma a produzir somente um tipo de fruto, com sabor e formato diferente das demais.

A lenda descreve uma origem comum de toda a comida necessária para o ser humano (trata-se de uma cultura extrativista narrando sua pré-história anterior à sua descoberta do fogo). Uma vez destruída a árvore ancestral e provedora de todo o alimento, cabe ao ser humano plantar o seu próprio sustento. Após este dilúvio acidental surgiu uma diversidade de árvores frutíferas permitindo ao homem o cultivo delas. Mitologicamente, todos os alimentos vieram de um único tronco, mas se tornaram árvores distintas e passaram a habitar, ora as montanhas, ora as savanas. A partir desta lenda, podemos perceber que para as populações ameríndias a diversidade na natureza é vista como parte de um integrado processo, um ecossistema em que o heterogêneo da floresta é entendido como uma fragmentação de um todo criado a partir do convívio do ser humano com a natureza.

A partir desta lenda podemos pensar que, embora todas as culturas possam ter surgido nos tempos ancestrais em um único berço, elas se espalharam pelo planeta pela mão do ser humano, tornando-se tão diversas como as árvores e seus frutos e suas medicinas em sua incontável variedade de formas e biodiversidades. Historicamente, nós, humanos, também fomos divididos em uma diversidade de culturas com línguas, costumes e religiões, formas de cantar, batucar e dançar em um leque formidável de variações.

Ao longo da história muitas culturas se sobrepuseram às outras pela força e coerção, procurando eliminar esta heterogeneidade em nome de um Deus ou, mesmo contemporaneamente, pela ditadura do proletariado, e mais recentemente pela força da indústria cultural como analisa Adorno (1949). Este

quadro das diversidades, entretanto, hoje, mesmo com a decantada liberdade de comércio, de crença e de opção de partido político com o processo crescente da globalização tem sido seriamente ameaçado. Com o discurso em nome da agilidade da comunicação em massa e do crescimento das indústrias multinacionais em um mundo globalizado, e de uma fala aparentemente democrática se apresenta a cultura do opressor, hegemônica, ditada pelo pensamento neoliberal. Uma estética única para todo o planeta, como se fosse possível um retrocesso de voltarmos a consumir todos os mesmos frutos de uma única árvore para nutrir nossas mentes e nossos corações.

Um as culturas são consideradas menos evoluídas que as outras e podem ser exterminadas

Na época em que colheu as lendas de Makunaíma dos Taulipanga e dos Arekuná há exatamente 100 anos, estas populações de língua Penon, separadas em distintos grupos já estavam dispersas e seus territórios recortados por uma geografia de três países e submetidas ao ensino forçado de três línguas distintas trazidas pelo colonizador europeu: o português, no Brasil; o espanhol, na Venezuela; e o Inglês, na Guiana. Por sua vez, cada colonizador trouxe sua versão própria do cristianismo, com centenas de missões evangelizadoras penetrando na selva trabalhando em conjunto com o explorador. Atualmente a população falante de Penon é estimada em cerca de 27.200 habitantes (700 no Brasil, 500 na Guiana e 26.000 na Venezuela)².

Nos grandes museus etnográficos europeus e norte-americanos podemos encontrar artefatos da culinária, da caça e dos rituais antigos destes grupos da mesma forma como podemos ver fragmentos de outras culturas indígenas já extintas de outras regiões de países das Américas. Eles são caprichosamente guardados e, muitas vezes embalsamados; e se transformaram em exemplos de culturas milenares destruídas por saques, massacres ou por doenças trazidas. A motivação para o extermínio se compara àquela do furor dos irmãos de Makunaíma ao cortar árvores para se apoderar de tudo o que a terra oferece: da extração do ouro e pedras preciosas, do minério de ferro, do petróleo, e ultimamente a insistência na instalação de hidroelétricas para gerar energia para as grandes cidades. O projeto da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, previsto para ser implementado em um trecho de 100 quilômetros no Rio Xingu, no estado brasileiro do Pará, na região Amazônica, vai desalojar milhares de índios, animais e inundar uma quantidade incrível de floresta com uma variedade de plantas numa transformação radical da biodiversidade em uma área de 520 quilômetros quadrados³.

A diversidade das culturas indígenas e a biodiversidade de suas florestas não são levadas em conta diante das necessidades da expansão da produção industrial e do ímpeto de acumular capitais pelas políticas das grandes nações em detrimento do sacrifício de parte de sua população. O mesmo aconteceu quando milhares de negros africanos foram cruelmente capturados, transportados, vendidos como escravos e impedidos de cultuarem seus

² <<http://www.joshuaproject.net/peoples.php?peo3=14356>> em 03/07/2011.

³ Ministério de Minas e Energia. (maio de 2009). Relatório de Impactos Ambientais de Belo Monte, acesso em 25 de abril de 2010.

próprios deuses e de falarem suas próprias línguas. A história das Américas é de devastação e de destruição de identidades, de desterritorialização de culturas, ampliando a riqueza de alguns em nome da riqueza do país.

Quando pensamos na arte e na cultura, não podemos nos separar de quem está patrocinando o que e que cultura estamos produzindo. Uma que expressa a diversidade, as vozes de milhares de oprimidos ou a que expressa a linguagem hegemônica produzida de acordo os modelos culturais gerados com o apoio dos grandes capitais visando ao puro entretenimento e por isso mesmo sem teor político de questionamento.

Indústria cultural e diversidade

Entretanto, não podemos ser ingênuos e dizer que a indústria cultural vai mal. São milhões investidos em produções artísticas, teatrais, museológicas, em vídeos e filmes em países da América Latina. Mas se formos ver, nos países mais pobres ou em desenvolvimento, a quantidade de dinheiro investido em produções importadas da Europa e Estados Unidos é muito maior se comparado com as produzidas localmente; discutindo a realidade destes países, a diferença do investimento entre elas é brutal.

Hoje, prevalece a indústria cultural, que cresce paralela à privatização dos recursos naturais, visando à transformação de tudo em produto vendável. Toda manifestação artística local deve se enquadrar nos novos tempos; os poderes falam na melhor maneira de privatizar o espaço público, é incentivada uma política de sistematizar um consumo para um trabalho que brota naturalmente das comunidades daquelas populações que originalmente fazem arte como parte do seu cotidiano, em suas festas, em suas celebrações, em seus rituais, em seu lazer. Tudo é reorganizado em prol do turismo, da exportação de produtos manufaturados, de novos bens de consumo. A arte é canalizada para um modelo estético hegemônico dentro dos padrões de Hollywood e dos seriados e dos programas de humor das grandes televisões norte-americanas. Uma arte que indica um comportamento padrão para formação de consumidores. Paralelamente a isto, novas redes de televisão evangélica e católicas procuram criar modelos próprios, mas com ideologias semelhantes de homogeneização da cultura e condenação das práticas estéticas afro-ameríndias, numa campanha que, ora endemoninha estas culturas, ora as caracteriza como primitivas e atrasadas.

As produções no teatro, por sua vez, seguem os modelos do entretenimento também importados. Nos grandes centros, nenhuma destas produções se relaciona com identidades étnicas e comunitárias locais; ao contrário, toda identidade é transformada em caricatura e estereótipo, prevalecendo sempre a visão eurocêntrica de criar e pensar a arte. Não há quase relação com as performances culturais, transformadas em festivais de folclore ou carnavalizadas por alguns diretores de teatro vanguardistas.

É preciso discutir uma arte que acreditamos necessária para um futuro da humanidade que preserve a identidade de suas tradições sem que isto possa representar a ignorância dos saberes globalizados e do convívio com o mundo

contemporâneo. Não se trata de ser nostálgico e fechar os olhos para o mundo globalizado. Mas devemos rechaçar a arte imposta de cima para baixo, seguindo apenas um padrão estético hegemônico.

Este estudo aponta para a discussão da importância da prática de performance como um comportamento ou como uma forma de arte que são realizados para garantir a diversidade cultural por um mundo não-hegemônico. Nosso objetivo é entender os Estudos da Performance como um processo de compreensão do intérprete em relação a si mesmo e em relação às fontes de antigas tradições de sua família e da sua comunidade como uma forma de restaurar o comportamento amado por seu grupo étnico e sua cultura peculiar. Muitos são os grupos que abertamente procuram por meio da performance recuperar sua performance ancestral, sua identidade, sua língua, seus costumes que estão em conflito aberto com o neoliberalismo e a mercantilização da arte e seus derivados hoje, como estiveram em conflito com o processo de colonização e barbárie durante a colonização das Américas.

Acreditamos que uma rede de estudos e de fortalecimentos de trocas entre grupos e instituições que lutam por direitos seja do nativo, negro, da mulher ou do homossexual, poderá fortalecer políticas progressistas e questionadoras apoiando uma arte libertária, sensível às diferenças, mas conhecedoras das lutas em comum em favor da sementeira de processos individuais e coletivos de criação de uma arte transformadora.

As redes de centros de estudo e de criação em andamento em diversos países têm promovido a investigação e o desenvolvimento de várias formas de arte da resistência expressa na dança, artes visuais, vídeo, teatro, contação de histórias, folguedos e arte popular, e deve ser apoiada e continuada. Caso contrário, no futuro, para os espectadores não será possível mais assistir ao vivo a um corpo suado e o som acústico de sua voz, mas apenas em documentários antigos de um passado remoto. As tradições serão apenas aquelas escolhidas pela mídia: os casamentos reais britânicos, as posses dos presidentes das grandes nações, as religiões oficiais seja aquela do mundo ocidental ou do Oriente, os desfiles militares, e os filmes românticos com final feliz, os filmes violentos em que negros, asiáticos e mestiços são os bandidos, estupradores, viciados, enquanto os heróis e mocinhas são irremediavelmente brancos.

Considerações finais

Este estudo aponta para a discussão da importância da prática de performance como um comportamento ou como uma forma de arte que são realizados para garantir a diversidade cultural em um mundo não-hegemônico, cada vez mais globalizado, com uma estética só para todo o planeta como disse Augusto Boal em seu livro *Estética do Oprimido*. Se somos “escravizados” pelo que consumimos, pelo que vemos, ouvimos e lemos, é hora de repensar as artes da performance como processo de recuperação de nosso humanismo perdido. Ou como diz nosso mestre maior Boal:

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram estas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da

Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar nossas lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo.⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. “**Culture Industry Reconsidered.**” *New German Critique*, No. 6, Autumn, 1975.

BOAL, Augusto. **Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

MEDEIROS, Sergio. (Org.) **Makunaíma e Jurupari: cosmogonias ameríndias**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. New York: Rutledge Press, 1988.

SINGER, Milton. 1955. “**The Cultural Pattern of Indian Civilization: a preliminary report of a methodological Field Study**”. In: *The Far Eastern Quarterly*, Vol. 15, n. 1, Nov., 1955.

⁴ BOAL, Augusto. *Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 15.